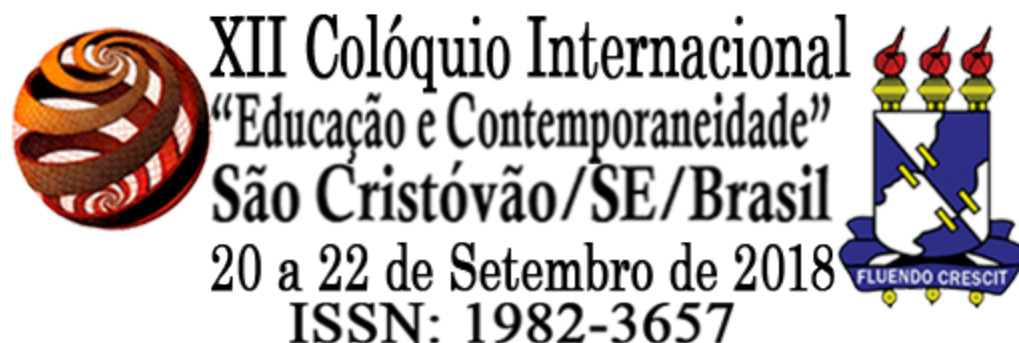




Recebido em:
29/04/2017
Aprovado em:
14/05/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A POTENCIALIDADE DA ARTE ENQUANTO MEDIAÇÃO PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL

CINTHIA CATHARINE LEÃO ARAUJO
LIVIA ROBERTA SILVA TELES COSTA
IRIS KARINE DOS SANTOS SILVA

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

RESUMO

A reflexão teórica presente nesse artigo teve como base pesquisa bibliográfica e possui como preocupação central a indicação de elementos relevantes para a utilização da arte enquanto mediação na perspectiva do exercício profissional do assistente social. Para tanto, traz alguns apontamentos sobre a temática e sua relação com o Serviço Social, a fim de adensar a discussão sobre sua articulação com a mediação e a intervenção na realidade social. A discussão abrange o conceito histórico da arte, a sua apropriação mercadológica pelo sistema capitalista e a importância de utilizá-la enquanto instrumento de intervenção para promoção da emancipação humana. Esse trabalho se relacionou com os conteúdos estudados durante o curso de Serviço Social na Universidade Federal de Sergipe, em especial nas disciplinas de Oficina de Instrumentalidade Profissional I e II, e Cultura, Identidade e Subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Instrumentalidade; Serviço Social.

ABSTRACT

The theoretical reflection present in this article was based on bibliographical research and has as central concern the indication of relevant elements for the use of art as mediation in the perspective of the professional practice of the social worker. To do so, it brings some notes on the theme and its relation with Social Service, in order to broaden the discussion about its articulation with mediation and intervention in social reality. The discussion covers the historical concept of art, its market appropriation by the capitalist system and the importance of using it as an intervention tool to promote human emancipation. This work was related to the contents studied during the course of Social Work at the Federal University of Sergipe, especially in the disciplines of Professional Instrumentality Workshop I and II, and Culture, Identity and Subjectivity.

KEYWORDS: Art; Instrumentality; Social Service.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a refletir, brevemente, sobre a utilização da arte enquanto mediação no Serviço Social. Serão apresentados elementos que situem o debate sobre a categoria *mediação* sob a perspectiva da Teoria Social de Marx, que permite o desenvolvimento da capacidade de leitura e reflexão das categorias do real, considerando-se sua relevância para ampliação e aprofundamento do conhecimento teórico e prático sobre a temática estudada.

Propõe-se a realização desse trabalho devido à importância crucial do debate da arte enquanto mediação para o exercício profissional, à medida que abre o leque de possibilidades rumo a elevação do Serviço Social à categoria da universalidade. Além de se configurar como o espaço privilegiado para pensar os valores subjacentes à ação, na direção e finalidades das respostas profissionais, a luz do projeto ético político profissional e em articulação com os interesses da classe trabalhadora.

O assistente social é um profissional que, para executar ações, recorre a um conjunto de instrumentais para dar materialidade ao concreto pensado, que aliados a técnica – habilidade – e ao aperfeiçoamento, incidem sobre as condições materiais e espirituais na vida dos trabalhadores, que produzem o efeito ideológico de reforço ou não da ordem societária, dependendo do referencial teórico/político adotado. Da mesma maneira, se a ação profissional se restringir a aplicação de instrumentos, pode se constituir em meio para o alcance de qualquer finalidade desprovida de sentido político emancipatório.

Diante disso, a relevância desse estudo remete a necessidade de contribuir para a produção bibliográfica acerca da temática no âmbito do Serviço Social, e sinalizar suas perspectivas enquanto mediação, de forma a adensar o debate acerca da arte enquanto metodologia para intervenção profissional.

2. A ARTE COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Não é uma tarefa simples atribuir um único conceito a arte, bem como sua função no cotidiano dos indivíduos, uma vez que vários autores trabalham a temática sob diferentes perspectivas. No entanto sua função estará diretamente ligada a uma finalidade que se busca alcançar. Oliveira (2011, p. 11 apud BOSI, 1985) argumenta que “a palavra latina *ars*, matriz do português arte, [...] em todas as suas formas de expressão [...] está na raiz do verbo articular, que denota fazer juntas entre as partes de um todo”.

Outros pensadores defendem que toda forma de arte representa as ideias e necessidades da humanidade em determinadas conjunturas (OLIVEIRA, 2011, p. 11 apud FISCHER 1973). Para o senso comum, a arte pode ser resumida simplesmente a aquelas pinturas que são expostas nos museus. Entretanto, não restam dúvidas que o debate da arte sempre esteve presente na vida da humanidade.

Ao longo do desenvolvimento histórico, a arte sempre foi manifestada pelos povos de diversas formas, seja pela pintura, literatura, música, fotografia, cinema, poesia dentre outros, sendo que “Cada povo, cada civilização teve a arte como parte integrante de sua vida, porém, sua função social foi se transformando e adquirindo novas faces em cada tempo da história.” Assim possui uma função social, concepção existente desde o século XVIII que consiste em contribuir para o desenvolvimento humano “da consciência humana e transformação da sociedade” (OLIVEIRA, 2011, p. 12-13).

A partir da Idade Média, no decorrer do processo de transmissão do modo de produção feudal para o capitalista, a função social da arte modifica-se passando a atribuir maior valor econômico e representação de poder político e *status* social de riqueza para os possuidores de material artístico. Nesse contexto, as igrejas e os representantes políticos eram os que mais possuíam objetos artísticos, restando àqueles, que não acessavam esses tipos de bem, a exclusão e a falta de conhecimento intelectual por meio da arte.

Santos (2015) destaca que a arte, “entendida na perspectiva da sociabilidade humana”, seria o meio capaz de totalizar os seres humanos e o Serviço Social na medida em que pode ser compreendida enquanto mediação. De acordo com Pontes (1997), fundamentado em Hegel (1987), a mediação tida do ponto de vista da totalidade é a categoria que articula as partes (singular) com o todo (universal), dentro de um cotidiano cada vez mais dinâmico que requisita do assistente social uma postura crítica e participativa, para interagir no meio em que está inserido.

Com base nesse pensamento, o autor citado comenta que a mediação “é responsável pelas moventes relações que

se operam no interior de cada complexo relativamente total e das articulações dinâmicas e contraditórias entre estas várias estruturas sócio-históricas” (PONTES, 1997 p. 81). No que tange a essa mesma temática, Sposati (et. al, 1985 p. 73) pontua que “as mediações [que] fazem parte do real, são as instâncias de passagem que conformam o concreto. Expressam relações concretas e vinculam mútua e dialeticamente momentos diferentes de um todo.”

Os pensadores marxistas concebem as mediações como “expressões históricas das relações que o homem edificou com a natureza e conseqüentemente das relações sociais daí decorrentes, nas várias formações sócio-humanas que a história já registrou” (PONTES, 1997, p. 78). Isso significa que a mediação é a forma mais lógica em que se expressa a relação homem x natureza e as modificações que esta representa.

É de suma importância pontuar a relevância do uso da mediação no exercício profissional do assistente social, uma vez que o seu uso implica a superação da resolução imediata das demandas, que faz alusão ao que Faleiros (1997) denomina de pragmatismo. Dentre outras coisas, o pragmatismo supõe também a busca em resolver de forma imediata as demandas que são encaminhadas ao assistente social, sem que se faça necessário uma pausa para que realize uma reflexão teórica e histórica da demanda. Nesse contexto, não é possível sair da aparência rumo à essência da demanda.

De acordo com Guerra (2000), o Serviço Social se apresenta enquanto trabalho social, pois possibilita que os profissionais modifiquem as condições objetivas e subjetivas e as relações sociais presentes no dia-a-dia, ou seja, no cotidiano.

A vida cotidiana é a vida de todo homem [...] Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade [...]. No cotidiano os homens tanto adquirem quanto exercitam os seus conhecimentos, as suas habilidades, idéias, sentimento [de modo que] é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 1989 apud GUERRA 2000, p. 44).

A percepção do cotidiano é fundamental para entender as manifestações da ideologia, ao tempo em que algumas personalidades exercem influência nos comportamentos de toda uma sociedade, e essas modificações apresentam desdobramentos para a vida dessas pessoas. Acrescenta-se aí o caráter das atividades que se processa no cotidiano, o viés imediatista, que delegam ações a ser realizadas, muitas vezes sem um mínimo de reflexão acerca das mesmas.

Cabe destacar que o cotidiano é ineliminável e insuprimível e possui como características a *heterogeneidade*, referente à diversidade de demandas; a *espontaneidade*, das respostas acríicas e irrefletidas; a *imediaticidade*, expressando o utilitarismo das respostas; e a *superficialidade extensiva*, que obscurece a possibilidade de mediação (GUERRA, 2007). No cotidiano o homem tende a ultrageneralização, isto é, tende a emitir mensagens espontâneas sem maiores indagações (KONDER, 2002).

Assim, a vida cotidiana, enquanto espaço de construção e reconstrução do exercício profissional é embasada em respostas imediatas que respondem as premissas da racionalidade capitalista, que resume os acontecimentos a fatos isolados, sem se preocupar com a articulação dos mesmos com outros fenômenos inerentes a realidade social, bem como sua constituição.

Nessa perspectiva, na ordem burguesa cabem no máximo, indagações e críticas superficiais que sirvam para o seu aperfeiçoamento – e, portanto, os problemas e as necessidades que nela não encontrarem soluções tornam-se responsabilidade daqueles que por eles são vitimados. É como se essa ordem fosse regida por leis naturais, desistoricizada, ou seja, uma formação social absolutizada, caracteristicamente inquestionável e insuperável (FORTI; GUERRA, 2011, p. 13).

Entretanto, o cotidiano também se constitui em um campo de possibilidades, pois nele “[...] o indivíduo se socializa, aprende a responder às necessidades práticas imediatas, assimila hábitos, costumes e normas de comportamento.” (BARROCO, 2010, p. 37). É nesse processo contraditório e complexo da vida cotidiana que o Serviço Social está inserido, com a finalidade de intervir

[...] nas diferentes manifestações da questão social com vistas a contribuir com a redução das desigualdades e injustiças sociais, como também fortalecer os processos de resistências dos sujeitos [...] na perspectiva da democratização, autonomia dos sujeitos e do seu acesso a direitos. (FRAGA, 2010, p.45)

No que toca diretamente ao Serviço Social, o debate acerca da mediação enquanto categoria iniciou-se nos anos 1980 aproveitando o ensejo do movimento de reconceitualização da profissão; o que requisitou dos assistentes sociais daquela época um avanço da análise teórico-metodológica, a fim de clarificar as demandas que eram solicitadas ao Serviço Social. No entanto esse debate só vai angariar força a partir dos anos 1990 com a apropriação de elementos concretos da teoria social de Marx e distanciamento do marxismo vulgar, representando o amadurecimento teórico da profissão, ou seja, só é possível compreender a categoria mediação através da incorporação do marxismo pelo o conjunto dos assistentes sociais, o que se reflete no projeto ético político da profissão.

Ainda no campo do Serviço Social, Vergara (2003, p. 08) traz uma ponderação interessante quando diz que a mediação

[...] tem a perspectiva de organizar a metodologia de intervenção, comprometida com usuários despojados de seus direitos, constituindo-se em categoria central da prática pelas potencialidades que apresenta, propiciando ao Assistente Social interagir com os mesmos no enfrentamento das demandas apresentadas.

De acordo com Vergara (2003, p. 04), quando o assistente social se utiliza corretamente da mediação no seu exercício profissional, é possível “intervir na realidade concreta dos usuários, com qualidade, num processo de interação com os mesmos visando à transformação de seus cotidianos”. Destarte, continua Vergara (2003, p.5) que “a categoria mediação surge não só como proposta, mas como categoria central da prática porque é reflexiva, ontológica e se processa segundo o método dialético”.

De fato, é trabalhando com e nas mediações que o assistente social consegue realmente adentrar na realidade pertencente ao usuário e assim poder executar uma ação profissional eficaz. Nesse ínterim, a arte seria capaz de proporcionar a reflexão crítica aos indivíduos dessa sociedade, elevar os níveis de interação entre os sujeitos sociais e produzir resultados eficazes.

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. *A arte, ela própria, é uma realidade.* (SANTOS, 2015, p. 128 apud FISHER 1971, p. 57).

Nessa ótica, Konder (2002), evidencia que a arte seria um dos meios capazes de possibilitar ao homem sair da esfera da singularidade, e partir para uma lógica universal, para o âmbito da coletividade.

[O] conhecimento e a compreensão da arte patenteiam novas formas de intervenção do assistente social sobre determinadas expressões da questão social e assim contribui para qualificar a atuação profissional, estimular a reflexão coletiva acerca do trabalho profissional que utiliza a arte como mediação e instrumento de transformação social, como também efetiva o propósito no projeto ético-político do Serviço Social, no tocante a uma intervenção social emancipadora dos sujeitos que lutam pela conquista de direitos e cidadania dentro de uma sociedade capitalista excludente em sua essência. Deste modo, trabalhando com a arte, o profissional trabalha a inclusão social, a disciplina, o respeito, a consciência e estabelece práticas sociais transformadoras visando à ampliação da consciência crítica e a prática da cidadania. (JESUS et. al.; 2012, p. 01).

Dessa forma, estamos propondo que arte pode tornar-se uma importante mediação no exercício profissional do assistente social, uma vez que pode contribuir durante o processo da intervenção profissional, podendo tornar a relação profissional/usuário menos institucional, desprendendo-a para além dos limites da estrutura da instituição. Através da arte o usuário pode se comunicar melhor com o profissional, por exemplo, uma criança vítima de maus tratos pode expressar melhor seus sentimentos fazendo uso de atividades artísticas, determinado usuário que se encontra numa situação de vulnerabilidade social pode utilizar-se da arte como fonte de geração de renda, almejando assim mais autonomia, dentre outras infinitas possibilidades. Entretanto, cabe destacar alguns elementos que interferem na concepção de arte enquanto mediação no contexto capitalista.

3. ALGUNS PONTOS PARA A DISCUSSÃO DA ARTE NA LÓGICA DO SISTEMA CAPITALISTA

O capitalismo para se desenvolver se apropria de bens coletivos, a fim de transformá-los para atender seu interesse inerente – extração de mais-valia –, transforma o indivíduo em um ser alheio a sua condição na luta de classes (alienado), que não se reconhece mais como parte do processo de produção, tampouco no produto final. Inserido nesta mesma sociedade, o artista também é atingido pela sociedade capitalista, “o papel social do artista plasma-se no do produtor da arte para um determinado público consumidor. Desenvolve-se um mercado da arte, com a transformação *pari passu* do artista, o produtor, e da arte, sua mercadoria”. (SANTOS, 2015, p. 126).

Entretanto, ao mesmo passo que a arte potencializa a emancipação humana, ocorre também um processo de alienação, à medida que nas sociedades capitalistas o artista também se transforma em trabalhador e a obra de arte em mercadoria. Ao tratar das expressões socioculturais da crise capitalista, Tonet (2009, p. 12) argumenta que o âmbito das atividades artísticas foi profundamente afetado: “Não só pelo rebaixamento do seu conteúdo, já que o critério fundamental é a vendabilidade e não sua efetiva excelência artística, como também pelo excessivo acento na forma, maneira pela qual se escamoteia um tratamento mais consistente e aprofundado dos problemas.”

A lógica capitalista, que transforma tudo em mercadoria, alcança também a produção humana, promovendo a criação de um público consumidor de arte, composto por uma minoria, e a inserção num mercado baseado nas leis capitalistas de ganho de lucro em detrimento da produção proporcionadora do desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.

De acordo com Canclini (1984, p. 49, apud OLIVEIRA, 2011, p. 16), com o avanço do modo de produção capitalista, a arte passa a ser considerada em três tipos: a elitista, pautada no fetiche e na revelação de sentimentos e emoções; a arte para as massas que possui acesso fácil e tem o objetivo de transmitir a ideologia burguesa; e por último, a arte popular que se refere à produção de objetos e não no consumo e mercantilização dele, produto da classe trabalhadora ou por artistas que buscam representar essa classe. Essas obras são produzidas baseadas no alcance das necessidades e satisfação coletivas.

Nesse sentido, entre os três tipos de arte, a arte popular é a que possui uma função social de “uma arte autêntica com o objetivo de instigar a reflexão e confrontar a indústria cultural capitalista que embrutece e aliena os cidadãos.” (OLIVEIRA, 2011, p. 17) buscando a emancipação do homem e não a mercantilização de suas relações sociais.

Ainda segundo Oliveira (2011), há a necessidade da utilização da arte como uma forma de contribuição para a “formação crítica e criadora de indivíduos independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente e resistir à massificação da arte e da cultura.”. Isso se constitui um mecanismo necessário para o fortalecimento da classe trabalhadora enquanto sujeito político e crítico, possuidores de “voz ativa na elaboração de políticas sociais e culturais, bem como à sua emancipação enquanto cidadãos.” (OLIVEIRA, 2011, p. 19). A arte e a cultura estão interligadas.

[...] historicamente, a cultura se apresentou como diferenciadora das classes sociais, pois sempre ficou sob o domínio da burguesia, o que causou uma estratificação social que se acentuou com o capitalismo: uma minoria é detentora dos meios culturais e políticos ocasionando a limitação das possibilidades de escolha da maioria. (OLIVEIRA, 2011, p. 22).

A cultura só passa a adquirir representação pela classe trabalhadora a partir de sua organização enquanto movimento operário. Esse processo se inicia no Brasil com a emergência dos movimentos sociais no enfrentamento as situações colocadas pela ditadura militar. É nesse contexto de luta por direitos com base na igualdade e em uma nova noção de cidadania, que se busca a transformação social por meio da construção de uma nova cultura política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativo a intervenção profissional do Serviço Social, destacamos que através da arte é possível expressar a “questão social”, objeto de intervenção profissional, em suas diversas faces. A arte possui a capacidade de demonstrar a realidade social dos sujeitos contestando-a e provocando reflexões, pois “[...] sua essência educativa pode levar à transformação do homem e este, compreendendo a realidade que está inserido, torna-se capaz de sair do estado de fragmentação e alienação causado pelo modo de produção capitalista.” (OLIVEIRA, 2011, p. 41).

Nesta perspectiva, a arte, através de sua função educativa, pode ser realizada para cooperar com a manutenção da ordem social ou para a construção de uma nova sociedade. Sendo assim, constitui-se em uma mediação e instrumento de intervenção profissional, permeada de desafios, para o alcance de determinados objetivos que dependem da direção que lhe é dada.

Além disso, a utilização da arte enquanto instrumento de intervenção profissional permite abrir um leque de possibilidades, pois provoca o assistente social a interferir na realidade social ou na vida do sujeito usuário das políticas sociais por meio de metodologias criativas que possuam como objetivo final viabilizar o acesso a direitos sociais.

Afinal, a emancipação humana é um processo paulatino que requer trabalho árduo e constante e, nesse ínterim, o assistente social atua na formação da consciência por meio de uma postura crítica-reflexiva, na socialização de informação, em ações que promovam a interação entre os indivíduos, a aprendizagem, o enriquecimento cultural. E, principalmente, mas não unicamente, o reconhecimento do sujeito enquanto ser social capaz de interferir na sociedade e que possui o poder de realizar diversas modificações na realidade em que vive.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. São Paulo: Cortez, 2010.

FORTI, Valéria. GUERRA, Yolanda. **“Na prática a teoria é outra.”** In: Serviço Social: temas, textos e contextos. FORTI, Valéria. GUERRA, Yolanda (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lumens Juris, 2011.

FRAGA, C. K. A atitude investigativa no trabalho do assistente social. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 101, p. 40-64, jan./mar. 2010.

GUERRA, Y. Instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social. In: **Capacitação em Serviço Social**. Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília, DF: UnB/CEAD, 2000. Disponível em: . Acesso em: 03 dez. 2012.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FALEIROS, V. de P. **Estratégias em Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

JESUS, M. L. M. et. al. Arte e Serviço Social: levantamento de fontes em eventos nacionais da área (2000-2010).

Revista Scientia Plena vol. 8, n.12. Sergipe, 2012.

OLIVEIRA, P.R. **A Instrumentalidade do Serviço Social**: A arte como Intervenção Social Emancipatória e Instrumento Inovador para o Trabalho da(o) Assistente Social. Brasília. (Trabalho de Conclusão de Curso – Serviço Social). DF, UNB: 2011. 71f. Disponível em: . Acesso em: 03 dez. 2012.

PONTES, R. N. **Mediação e Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SPOSATI, A. et al. **A assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras** - uma questão em análise. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

SANTOS, V. N. Arte como possibilidade de mediação no serviço social. **PIDCC**, Aracaju, ano 4, v. 09 nº 02, p.125 a 150, Jun/2015. Disponível em: . Acesso em: 30 jul. 2016.

TONET, I. Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade. In **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, DF: CFESS/ABEPSS, 2009.

VERGARA, E. M. B. O significado da categoria mediação no serviço social. In: SEMINÁRIO NACIONAL: ESTADO E POLÍTICAS SOCIAIS NO BRASIL. UNIOESTE, Cascavel, SP, 2003. **Anais...** Cascavel, SP: UNIOESTE, 2003. Disponível em: . Acesso em: 03 dez. 2012.

Não existe nota de rodapé.